

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso



**Uso de substâncias psicoativas em escolares: Resultados da Pesquisa
Nacional de Saúde do Escolar nos anos de 2009, 2012 e 2015**

Pelotas, 2020

Gabriela Gianechini de Almeida

**Uso de substâncias psicoativas em escolares: Resultados da Pesquisa
Nacional de Saúde do Escolar nos anos de 2009, 2012 e 2015**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Medicina da Universidade
Federal de Pelotas, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Tiago Neuenfeld Munhoz

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas Catalogação na Publicação

A314u Almeida, Gabriela Gianechini de

Uso de substâncias psicoativas em escolares: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar nos anos de 2009, 2012 e 2015 / Gabriela Gianechini de Almeida ; Tiago Neuenfeld Munhoz, orientador. — Pelotas, 2020.

34 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Psicologia. 2. Tabaco. 3. Alcoolismo. 4. Adolescentes. 5. Drogas ilícitas. I. Munhoz, Tiago Neuenfeld, orient. II. Título.

CDD : 150

Elaborada por Elionara Giovana Rech CRB: 10/1693

Gabriela Gianechini de Almeida

Uso de substâncias psicoativas em escolares: Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar nos anos de 2009, 2012 e 2015

Trabalho de Conclusão de curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 18 de dezembro de 2020

Banca examinadora:

Prof. Dr. Tiago Neuenfeld Munhoz (Orientador)

Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Prof.^a Dr.^a Gabriela Callo

Doutora em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Mateus Luz Levandowski

Doutor em Cognição Humana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

ALMEIDA, Gabriela Gianechini. **Uso de substâncias psicoativas em escolares: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar nos anos de 2009,2012 e 2015.** 2020. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Objetivo: Descrever a prevalência da experimentação de tabaco, álcool e drogas ilícitas de acordo com as características sociodemográficas em escolares brasileiros. **Método:** trata-se de um estudo transversal de base escolar, com dados coletados pela Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE, 2009, 2012 e 2015). A amostra foi de 62.910, 109.104 e 102.301 adolescentes escolares do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e 1º a 3º ano do ensino médio, nos anos de 2009, 2012 e 2015, respectivamente. Escolares de todas as capitais e Distrito Federal participaram do estudo. A análise dos dados considerou os pesos amostrais. **Resultados:** A prevalência de experimentação de tabaco, álcool e drogas ilícitas foi, aproximadamente, 10%, 30% e 4% para cada desfecho ao total dos três anos do estudo, respectivamente. Observou-se maior prevalência do uso de substâncias em escolares da região Sul do Brasil, do sexo masculino, com 14 anos de idade e autodeclarados de cor/raça branca e amarela. **Conclusões:** estes achados podem contribuir para a investigação de grupos populacionais em maior risco bem como para o planejamento de intervenções, políticas públicas e programas de saúde voltados para as equipes escolares e de saúde.

Palavras-chave: Drogas ilícitas. Tabaco. Alcoolismo. Adolescente. Epidemiologia.

Abstract

ALMEIDA, Gabriela Gianechini. **Use of psychoactive substances in schoolchildren: results of the National Survey of Schoolchildren Health in the years 2009, 2012 and 2015.** 2020. 24f. Completion of course work (Degree in Psychology) – School of Medicine, Psychology and Occupational Therapy, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

Objective: To describe the prevalence of experimentation with tobacco, alcohol and illicit drugs according to the sociodemographic characteristics of Brazilian schoolchildren. **Method:** this is a cross-sectional School-based study, with data collected by the National School Health Survey (PeNSE, 2009, 2012 and 2015). The sample was 62,910, 109,104 and 102,301 school adolescents from the 6th to the 9th grade of elementary school and 1st to 3rd grade of high school, in the years 2009, 2012 and 2015, respectively. Schoolchildren from all capitals and the Federal District participated in the study. The data analysis considered the sample weights. **Results:** The prevalence of experimentation with tobacco, alcohol and illicit drugs was approximately 10%, 30% and 4% for each outcome for the total three years of the study, respectively. There was a higher prevalence of substance use among 14-year-old male students in the southern region of Brazil, self-declared white and yellow in color/race. **Conclusions:** these findings may contribute to the investigation of population groups at greatest risk as well as to the planning of interventions, public policies and health programs aimed at school and health teams.

Keywords: Illicit drugs. Tobacco. Alcoholism. Adolescent. Epidemiology.

Lista de tabelas

Tabela 1 - Descrição da amostra e características sociodemográficas para cada ano da pesquisa	33
Tabela 2 - Descrição da amostra e prevalência do uso de substâncias para cada ano da pesquisa, segundo características sociodemográficas	34

SUMÁRIO

PROJETO DE PESQUISA	8
1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	10
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
4. MÉTODO	15
5. Cronograma	18
6. Referências	18
ARTIGO - USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS EM ESCOLARES: RESULTADOS DA PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR NOS ANOS DE 2009, 2012 E 2015	21
1. Introdução	22
2. Método	23
3. Resultados	25
4. Discussão	26
5. Considerações finais	30
6. Referências	30
Apêndices	32

PROJETO DE PESQUISA

1. INTRODUÇÃO

Substâncias psicoativas são àquelas que agem no sistema nervoso central e produzem alterações comportamentais, cognitivas e de humor (KAPLAN; SADOCK; GREEB, 2003). Podem ser classificadas como lícitas ou ilícitas, levando em consideração se sua produção, uso e comercialização são permitidos ou não por lei. A experimentação dessas substâncias geralmente ocorre na adolescência, podendo ser motivado por diversos fatores associados, como questões familiares, bullying, problemas escolares e violência (MALTA et al., 2018). As substâncias psicoativas comumente encontradas dividem-se em depressoras que diminuem a atividade cerebral como o álcool, estimulantes que aceleram a atividade cerebral como a cocaína e a nicotina e as perturbadoras que alteram a percepção da realidade, que seriam a maconha, LSD e o ecstasy. O uso de substâncias está associado a uma ampla gama de impactos negativos na saúde mental e física dos jovens, bem como no seu bem-estar a curto e longo prazo (WHO, 2017). O uso de substâncias também está associado a uma série de consequências negativas relacionadas à educação, incluindo baixo envolvimento, desempenho e abandono escolar (WHO, 2017) e também prevê um risco maior de distúrbios, aumentando o risco para a dependência química (ONU, 2015).

O impacto do uso de substâncias pode ser visto tanto nos aspectos físicos quanto nos aspectos psicológicos, influenciando também em âmbitos sociais da vida do indivíduo e seus familiares. Os familiares, especificamente, sofrem por terem um laço afetivo muito forte e por serem vistos como corresponsáveis pela formação dos filhos, estando diretamente atrelados ao seu desenvolvimento (MACIEL et al., 2008). Com isso, o adoecimento de um filho pode abalar profundamente a autoestima dos pais, pois leva a crer que houve falhas no sistema familiar, gerando grande desequilíbrio da família. Essa sobrecarga gerada ao contexto familiar pode atingir várias dimensões da vida, como a saúde, o bem-estar físico e psicológico e a própria relação entre os membros da família, já que o comportamento do usuário vai definir a nova dinâmica do lar e acaba por exigir tarefas extras de cuidados, tornando uma sobrecarga e acarretando por vezes um estresse crônico (SOARES; MUNARI, 2007).

O uso de substâncias psicoativas em jovens ainda é tema de discussão nas políticas de saúde, visando buscar maiores intervenções, é necessário que se invista

além do indivíduo. É necessário compreender que os adolescentes devem ter seus conhecimentos, habilidades e acesso à saúde assegurado, mas é importante também que se busquem intervenções que visem os pais e as escolas e transformá-los em promotores de saúde (WHO, 2014). A criação de leis e políticas que facilitem intervenções a fim de evitar a exposição a danos, como políticas para diminuição do uso de substâncias nocivas (WHO, 2014). O objetivo da prevenção do uso de drogas é evitar ou atrasar a experimentação, visando evitar o desenvolvimento de distúrbios posteriores, como a dependência química, mas, além disso, focar num desenvolvimento saudável para os jovens, contribuindo para a inserção significativa destes em vários âmbitos de sua vida social, como escolas, locais de trabalho e famílias (ONU, 2015).

Assim, se faz necessário buscar e identificar fatores de risco para o uso de substâncias psicoativas na adolescência, pois, é através da identificação destes que poderemos contribuir acerca da prevenção ao uso. Portanto, o objetivo desse trabalho é descrever a prevalência do uso de substâncias psicoativas em adolescentes escolares e analisar os fatores associados, utilizando os dados da PeNSE dos anos de 2009, 2012 e 2015.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral:

Descrever a tendência do uso substâncias psicoativas de acordo características sociodemográficas em escolares brasileiros nos anos 2009, 2012 e 2015.

2.2. Específicos:

- Descrever a prevalência e analisar a tendência do uso de substâncias psicoativas nos anos de 2009, 2012 e 2015.
- Descrever a frequência do uso de substâncias psicoativas de acordo com a macrorregião (Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul), sexo (masculino e feminino), idade (≤ 13 , 14, 15, ≥ 16 anos), raça/cor da pele (Branca, Preta, Parda, Indígena e Amarela), situação de trabalho (trabalhando atualmente ou

não), escolaridade materna (ensino fundamental in/completo, ensino médio in/completo e ensino superior in/completo).

2.3. Hipóteses:

- A experimentação de álcool entre adolescentes será maior entre as meninas do que entre os meninos (MACHADO et al., 2018).
- O uso de substâncias ilícitas será maior em adolescentes que exercem trabalho remunerado, assim como, os que sofreram agressões familiares e/ou bullying (HORTA et al., 2018).
- Estudantes entre 15 e 18 anos apresentam maior chance de uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas do que os mais jovens (MALBERGIER; CARDOSO; AMARAL, 2012).
- Não será observada diferença significativa de acordo com a escolaridade da mãe (MACHADO et al., 2018).
- Indivíduos com a cor da pele branca farão maior uso de substâncias (MALTA et al., 2018).
- Jovens residentes na Região Sul apresentarão maior predomínio de uso recente de álcool e drogas (MACHADO et al., 2018) (HORTA et al., 2018).
- A prevalência do uso de substâncias ilícitas entre escolares brasileiros será de aproximadamente 9,0% e será observada uma tendência estacionária (HORTA et al., 2018).

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Estudos epidemiológicos foram realizados sobre o uso de substâncias psicoativas em escolares, utilizando-se dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015. A amostra foi composta de 16.608 adolescentes estudantes de escolas públicas e privadas brasileiras. A pesquisa fornece dados de estudantes de 13 a 17 anos, frequentando do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio de escolas públicas e privadas. Foram analisadas variáveis relacionadas ao uso de álcool, aos fatores sociodemográficos e aos indicadores de supervisão dos estudantes pelos pais. Tais dados foram coletados

por agentes do IBGE. Como resultado, obtiveram a prevalência de experimentação do álcool entre os adolescentes maior entre as meninas do que entre os meninos. A experimentação precoce, ou seja, antes dos 13 anos, foi de 50,6%. Entre os jovens, 27,2% relataram embriaguez alguma vez na vida, 9,3% declararam ter tido problemas devido ao uso de bebida alcoólica e 29,3% reportaram seu uso recente, sem diferenças significativas entre meninos e meninas. O estudo mostrou também que, ao avaliar o predomínio do consumo recente de álcool segundo o contexto familiar, para todos os indicadores, quanto menor a supervisão dos pais, maior a prevalência do uso de bebidas alcoólicas para adolescentes de ambos os sexos (MACHADO et al., 2018).

Outro estudo realizado com os dados da PeNSE de 2015, objetivou-se analisar o uso de substâncias psicoativas (tabaco, álcool e drogas ilícitas) em escolares em relação a fatores sociodemográficos, contexto familiar e saúde mental. Sobre os resultados, foi possível perceber que o contexto familiar se mostrou protetor ao uso de tabaco, como residir com pai e/ou mãe, fazer refeições com os pais, bem como possuir supervisão familiar, apresenta menor uso de tabaco. A maior chance do uso de substâncias entre os estudantes esteve associada ao trabalho, idade mais avançada e cor branca. Escolares que relataram solidão e insônia também usam mais substâncias. Não ter amigos foi associado ao uso de tabaco e experimentação de drogas, enquanto o uso de álcool esteve associado a ter mais amigos. Ainda podemos destacar que, a família pode aumentar as chances de haver condutas de risco, como pais fumantes, que aumentam o risco de fumo em seus filhos, como situações de violência doméstica, agressão e negligência. Outros fatores contribuintes seria a falta de amizades, causando isolamento e solidão, influenciando o consumo de drogas, ao contrário do uso do álcool, que pode aumentar dependendo da ocasião, devido ao seu caráter festivo (MALTA et al., 2018).

Ainda sobre os estudos realizados a partir da PeNSE, com excludente de seleção da amostra, turmas com menos de 15 alunos no nono ano e turmas do período noturno. Para analisar os fatores foram divididos em um modelo hierárquico com seis níveis, em que se buscavam investigar as variáveis sociodemográficas, a idade, a inserção do entrevistado no mercado de trabalho, contexto familiar, relato de já ter sido vítima de bullying, autopercepção, dificuldades para dormir e número

de amigos próximos. Por fim, variáveis uso na vida e nos últimos 30 dias de tabaco e de álcool, número de parceiros sexuais na vida e número de dias na última semana em que realizou pelo menos uma hora de atividade física. Como resultado, destacam-se a prevalência de uso de drogas ilícitas na vida foi menor entre escolares do sexo masculino, que estudavam em escolas privadas e que moravam com pai e mãe. Outro resultado é a maior prevalência de uso na vida de drogas ilícitas entre alunos com trabalho remunerado assim como, aqueles em que esteve associado o maior número de agressões familiares e/ou ter sido vítima de bullying (HORTA et al., 2018).

Em uma pesquisa realizada em dois municípios do estado de São Paulo, Brasil, em 2007, em 50 escolas públicas, totalizando 965 adolescentes com idades entre 10 e 18 anos, buscava avaliar a associação entre o consumo de substâncias (álcool, tabaco e drogas ilícitas) e problemas familiares. O estudo visava comparar também o uso de substâncias psicoativas com problemas escolares, sociais, características de personalidade e transtornos psiquiátricos. Concluiu-se que, os estudantes entre 15 e 18 anos apresentavam mais chances de uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas do que os mais jovens. O uso de tabaco foi mais frequente em meninas. O estudo destaca que os adolescentes que fizeram uso de álcool e tabaco, e drogas ilícitas relataram ter mais problemas familiares do que aqueles que usaram apenas álcool. Contudo, o estudo não conseguiu distinguir se o uso de substâncias pode estar aumentando as chances de haver problemas familiares ou se, os problemas familiares que aumentam as chances do consumo (MALBERGIER; CARDOSO; AMARAL, 2012).

Um estudo visou relacionar a ansiedade e o consumo de substâncias psicoativas em adolescentes. A pesquisa foi realizada em Maceió, Alagoas, Brasil, em sete escolas, sendo quatro escolas públicas e três particulares, com 407 estudantes, com idades entre 14 e 18 anos. Foram usados questionários sociodemográficos, escala de ansiedade e questionário sobre consumo de substâncias. Segundo os resultados, 82,10% dos entrevistados já havia feito uso de substâncias na vida, já 17,40% responderam nunca ter feito uso de substâncias. O álcool foi a substância mais utilizada pelos estudantes. Em relação à ansiedade, a pesquisa apontou diferença estatisticamente significativa entre o sexo e a ansiedade, havendo maior prevalência de ansiedade nas mulheres, bem como os

estudantes que afirmaram fazer uso frequente de bebidas alcóolicas apresentaram maior prevalência de ansiedade (LOPES; REZENDE, 2013).

Outro estudo realizado em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, buscava estudar as taxas de prevalência de consumo de substâncias psicoativas de uso lícito e ilícito, investigando características sociodemográficas em relação à primeira experiência. Foi realizado em 21 escolas, sendo onze estaduais, uma municipal e nove particulares, totalizando 11.250 alunos, com idades entre 14 e 18 anos. Foi usado um questionário, aplicado em 1025 estudantes da 8ª série, e 1º, 2º e 3º ano do ensino médio de escolas públicas e privadas. O álcool foi apontado como a substância mais consumida alguma vez na vida, com 88,9%, seguido do tabaco e solventes. A pesquisa conclui que as taxas de consumo cresceram conforme a idade para todas as substâncias lícitas já nas substâncias ilícitas demonstra uma desaceleração quando se caminha em direção às idades que correspondem ao final da adolescência. Destaca-se também, maior uso de substâncias em meninos do que em meninas, exceto para os medicamentos. Conclui-se que a idade da primeira experiência ocorreu em idades precoces, tendo como 11 anos ou menos para a experimentação de álcool e 14 a 16 anos para outras substâncias (MUZA et al., 1997).

Por fim, o último estudo visava determinar a prevalência do uso de substâncias psicoativas em adolescentes trabalhadores ou não trabalhadores, com faixas etárias entre 10 e 20 anos, matriculados na rede estadual de educação básica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Participaram do estudo 798 trabalhadores e 1493 não trabalhadores. Foi utilizado questionário sobre aspectos sociodemográficos, sociais e o consumo de substâncias. Nos resultados, observou-se a maior prevalência de uso recente de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes trabalhadores, sendo esses em maioria do sexo masculino, com idades entre 15 e 20 anos e com maior defasagem escolar. Em relação à idade inicial do uso recente de substâncias psicoativas observou-se que, adolescentes não trabalhadores apresentaram idade mais precoce. Com isso, concluiu-se que diante da associação significativa quanto ao trabalho, para o uso recente de álcool, tabaco e drogas para os trabalhadores com carga diária entre quatro e oito horas, que não estão satisfeitos com o trabalho e apresentam outros motivos para trabalhar além apenas ajudar na renda familiar. Trabalhar no setor secundário apresenta maiores chances

de uso recente de álcool, no setor terciário, para o uso de tabaco e outras drogas. Com isso, o estudo mostrou que deve haver uma articulação entre as entidades educacionais, família, trabalho e sociedade como um todo para auxiliar na questão do uso indevido de drogas por adolescentes (SOUZA; FILHO, 2007).

4. MÉTODO

4.1. Desenho e amostra

Trata-se de um estudo transversal de base populacional utilizando os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). A PeNSE é um estudo epidemiológico de base escolar realizada em todas as capitais do país nos anos de 2009, 2012 e 2015.

A PeNSE 2009 entrevistou adolescentes que tinham entre 13 e 17 anos e cursavam o 9º ano (antiga 8ª série) do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das 26 capitais e Distrito Federal. A coleta de dados foi realizada entre março e junho de 2009, com a participação de 62.910 estudantes.

Na edição da PeNSE 2012 houve maior abrangência geográfica, ampliando para o conjunto do país e as cinco grandes regiões. Participaram 109.104 estudantes, sendo realizada entre abril e setembro de 2012. Nesta edição houve ampliação do questionário inserindo questões referentes a trabalho, hábitos de higiene, saúde mental, uso de serviços de saúde e prevalência de asma. Houve também modificações em algumas questões para permitir comparações internacionais como a Organização Mundial da Saúde – OMS (World Health Organization – WHO) e o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (Centers for Disease Control and Prevention - CDC).

A PeNSE 2015 também teve modificações, foram incluídos alunos de 13 a 17 anos que estavam cursando do 6º ao 9º ano (antigas 5ª a 8ª séries) do ensino fundamental e 1º a 3º ano do ensino médio, sendo assim divididos em Amostra 1 e Amostra 2, respectivamente, também houve mudanças no questionário com a inclusão/modificação/exclusão de algumas questões. Ao total, participaram 102.301 estudantes e a coleta de dados foi realizada entre abril e setembro de 2015.

Sobre a seleção da amostra, a PeNSE 2009 organizou o plano de amostragem divididos em dois estágios, onde as Unidades Primárias de Amostragem (UPA) foram as escolas e as Unidades Secundárias de Amostragem (USA) foram as turmas do 9º ano do ensino fundamental. Na PeNSE 2012 e 2015 o plano de amostragens modificou-se, incluindo demais municípios além das capitais. No primeiro caso dividiu-se em Unidades Primárias de Amostragem (UPA) as escolas, as Unidades Secundárias de Amostragem (USA) foram as turmas selecionadas. No segundo caso, os municípios que não são capitais dividem-se em as Unidades Primárias de Amostragem (UPA) os agrupamentos de municípios, as Unidades Secundárias de Amostragem (USA) as escolas e as turmas selecionadas são as Unidades Terciárias de Amostragem (UTA).

4.2. Coleta de dados

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário autoaplicável baseado na metodologia Global School-based Student Health Survey – GSHS, desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde - OMS. Na edição da PeNSE 2009 o questionário foi aplicado através de um microcomputador de mão (*Personal Digital Assistant – PDA*), já nas outras edições de 2012 e 2015 o questionário foi aplicado por meio de um *smartphone*. Foram coletadas diversas informações relacionadas ao contexto escolar, socioeconômico, familiar, hábitos alimentares, prática de atividade física, uso de cigarro, álcool e outras drogas, saúde sexual e reprodutiva, violências, hábitos de higiene pessoal, percepção da imagem corporal, saúde mental e asma. Para esse projeto serão utilizadas as informações relacionadas ao uso de cigarro, álcool e outras drogas.

4.3. Variável Dependente

Na PeNSE de 2009, 2012 e 2015 utilizaram-se as seguintes perguntas para avaliação de álcool, tabaco e outras drogas, respectivamente:

- “Alguma vez na vida, você já experimentou bebida alcóolica?” (sim/não).
- “Alguma vez na vida, você já fumou cigarro, mesmo que um ou duas tragadas?” (sim/não).

- “Alguma vez na vida, você já usou alguma droga, tais como: maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança perfume, ecstasy, etc.?” (sim/não).

4.4. Variável Independente

As variáveis independentes investigadas incluem: sexo biológico (masculino e feminino), idade em anos completos (≤ 13 , 14, 15, 16, ≥ 17 anos), raça/cor autodeclarada de acordo com o IBGE (branca, preta, amarela, parda e indígena), situação de trabalho (trabalhando atualmente ou não), escolaridade materna (ensino fundamental in/completo, ensino médio in/completo e ensino superior in/completo) e região que reside (Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul). Foi considerado trabalho atual aqueles jovens que responderam positivamente para a pergunta “Você tem algum trabalho, emprego ou negócio atualmente”.

4.5. Análise de dados

Será realizada análise descritiva das variáveis dependentes e independentes, apresentando frequências absolutas e relativas em tabelas. A associação entre variáveis dependentes e independentes será realizada utilizando-se o teste estatístico qui-quadrado. A análise de tendência do uso de álcool, tabaco e outras drogas será realizada por meio da regressão de Prais-Winsten. Para analisar os dados será utilizado o software Stata, versão 13.1 (Stata Corp., College Station, United States). Para todas as análises serão considerados os pesos amostrais.

4.6. Aspectos Éticos

As pesquisas realizadas pela PeNSE em 2009, 2012 e 2015 foram aprovadas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) sob os números de registro 11.537, 16.805 e 1.006.467, respectivamente. A pesquisa foi norteadada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069 de 13.07.1990) e não oferecia riscos à saúde do escolar, visto que mantinha em sigilo suas identidades e das escolas. Todos os alunos deveriam concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, colocado na primeira página do questionário. Além disso, a

participação foi voluntária e a desistência de todo ou parte da pesquisa poderia ocorrer a qualquer momento (IBGE, 2015).

5. Cronograma

ANO	2019				2020					
	09	10	11	12	02	03	04	05	06	07
MÊS/ETAPA										
Elaboração do projeto	X	X	X	X						
Revisão de Literatura	X	X	X							
Entrega do projeto				X						
Análise de dados					X	X	X			
Redação do artigo								X	X	
Entrega/defesa do projeto final										X

6. Referências

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) – 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) – 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) – 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGRAS E CRIMES. 2015. **Normas Internacionais sobre a prevenção ao uso de drogas**. Disponível em: https://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/noticias/2013/09/UNODC_Normas_Internacionais_PREVENCAO_portugues.pdf. Acesso em: 12. nov. 2019.

HORTA, Rogério Lessa; MOLA, Christian Loret; HORTA, Bernardo Lessa, MATTOS, Candido Nornerto Bronzoni; ANDREAZZI, Marco Antonio Ratzsch; CAMPOS, Maryane Oliveira; MALTA, Deborah Carvalho. **Prevalência e condições associadas ao uso de drogas ilícitas na vida**: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 21, supl. 1,

e180007, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v21s1/1980-5497-rbepid-21-s1-e180007.pdf>. Acesso em: 26 set. 2019.

KAPLAN, Harold; SADOCK, Benjamin; GREBB, Jack. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. 7. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. Acesso em: 11 nov. 2019.

LOPES, Andressa Pereira; REZENDE, Manuel Morgado. **Ansiedade e consumo de substâncias psicoativas em adolescentes**. Estud. psicol. (Campinas) vol.30 n°. 1. Campinas Jan./Mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000100006&lang=pt. Acesso em: 08 out. 2019.

MACIEL, Silvana Carneiro; MELO, Juliana Rízia Félix; DIAS, Camila Cristina Vasconcelos; SILVA, Giselli Lucy Souza; GOUVEIA, Yordan Bezerra. **Sintomas depressivos em familiares de dependentes químicos**. Ed. João Pessoa: Universitária-UFPB, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000200002 Acesso em: 12 nov. 2019.

MACHADO, Isis Eloah; MENDES, Mariana Santos Felisbino; MALTA, Deborah Carvalho; MELENDEZ, Gustavo Velasquez; FREITAS, Maria Imaculada de Fátima; ANDREAZZI, Marco Antonio Ratzsch. **Supervisão dos pais e o consumo de álcool por adolescentes brasileiros: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2015**. Revista brasileira de epidemiologia, São Paulo, vol.21 supl.1, Epub Nov 29, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2018000200414&lang=pt. Acesso em: 25 set. 2019.

MALBERGIER, André; CARDOSO, Luciana Roberta Donola; AMARAL, Ricardo Abrantes. **Uso de substâncias na adolescência e problemas familiares**. Caderno de Saúde Pública vol.28, n°. 4. Rio de Janeiro. Abril 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2012000400007&lang=pt. Acesso em: 24 set. 2019.

MALTA, Deborah Carvalho; MACHADO, Ísis Eloah; MENDES, Mariana Santos Felisbino; PRADO, Rogério Ruscitto; PINTO, Alessandra Maria Silva; CAMPOS, Maryane Oliveira; SOUZA, Maria de Fátima Marinho. **Uso de substâncias psicoativas em adolescentes brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares, 2015**. Revista brasileira de epidemiologia, 21 (suppl 1) 29 Nov. 2018. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2018000200400#. Acesso em: 25 set. 2019.

MUZA, Gilson; BETTIOL, Heloísa; MUCCILO, Gerson; BARBIERI, Marco. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP(Brasil). I - Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. **Revista de Saúde Pública** vol. 31 no. 1. São Paulo Feb. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000100005&lang=pt. Acesso em: 09 out. 2019.

SOARES, Carlene Borges; MUNARI, Denize Bouttelet. **Considerações Acerca da Sobrecarga em Familiares de Pessoas com Transtornos Mentais**. Cienc. Cuid. Saude. 2007 Jul/Set; 6(3):357-362. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8653/d7eb9a41aa4f3700db7cda0270fb98e73999.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SOUZA, Delma Oliveira; FILHO, Dartiu Xavier da Silveira. Uso recente de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes adolescentes trabalhadores e não trabalhadores. **Rev. bras. epidemiol.** vol.10 nº. 2. São Paulo Junho 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2007000200015. Acesso em: 09 out. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2014. **Health for the World's Adolescents: A second chance in the second decade.** Disponível em: https://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/second-decade/en/. Acesso em: 13 nov. 2019.

_____. 2017. **Management of substance abuse.** Disponível em: https://www.who.int/substance_abuse/activities/education_sector/en/. Acesso em: 10 nov. 2019.

**ARTIGO - USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS EM ESCOLARES:
RESULTADOS DA PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR
NOS ANOS DE 2009, 2012 E 2015**

1. Introdução

Substâncias psicoativas são aquelas que agem no sistema nervoso central e produzem alterações comportamentais, cognitivas e de humor (KAPLAN; SADOCK; GREEB, 2003). Podem ser classificadas como lícitas ou ilícitas, levando em consideração se sua produção, uso e comercialização são permitidos ou não por lei. A experimentação dessas substâncias geralmente ocorre na adolescência, podendo ser motivado por diversos fatores associados, como questões familiares, bullying, problemas escolares e violência (MALTA et al., 2018). As substâncias psicoativas comumente encontradas dividem-se em depressoras que diminuem a atividade cerebral como o álcool, estimulantes que aceleram a atividade cerebral como a cocaína e a nicotina e as perturbadoras que alteram a percepção da realidade, que seriam a maconha, LSD e o ecstasy. O uso de substâncias está associado a uma ampla gama de impactos negativos na saúde mental e física dos jovens, bem como no seu bem-estar a curto e longo prazo (WHO, 2017). O uso de substâncias também está associado a uma série de consequências negativas relacionadas à educação, incluindo baixo envolvimento, desempenho e abandono escolar (WHO, 2017) e também prevê um risco maior de distúrbios, aumentando o risco para a dependência química (ONU, 2015).

O impacto do uso de substâncias pode ser visto tanto nos aspectos físicos quanto nos aspectos psicológicos, influenciando também em âmbitos sociais da vida do indivíduo e seus familiares. Os familiares, especificamente, sofrem por terem um laço afetivo muito forte e por serem vistos como corresponsáveis pela formação dos filhos, estando diretamente atrelados ao seu desenvolvimento (MACIEL et al., 2008). Com isso, o adoecimento de um filho pode abalar profundamente a autoestima dos pais, pois leva a crer que houve falhas no sistema familiar, gerando grande desequilíbrio da família. Essa sobrecarga gerada ao contexto familiar pode atingir várias dimensões da vida, como a saúde, o bem-estar físico e psicológico e a própria relação entre os membros da família, já que o comportamento do usuário vai definir a nova dinâmica do lar e acaba por exigir tarefas extras de cuidados, tornando uma sobrecarga e acarretando por vezes um estresse crônico (SOARES; MUNARI, 2007).

O uso de substâncias psicoativas em jovens ainda é tema de discussão nas políticas de saúde, visando buscar maiores intervenções, é necessário que se invista

além do indivíduo. É necessário compreender que os adolescentes devem ter seus conhecimentos, habilidades e acesso à saúde assegurado, mas é importante também que se busquem intervenções que visem os pais e as escolas e transformá-los em promotores de saúde (WHO, 2014). A criação de leis e políticas que facilitem intervenções a fim de evitar a exposição a danos, como políticas para diminuição do uso de substâncias nocivas (WHO, 2014). O objetivo da prevenção do uso de drogas é evitar ou atrasar a experimentação, visando evitar o desenvolvimento de distúrbios posteriores, como a dependência química, mas, além disso, focar num desenvolvimento saudável para os jovens, contribuindo para a inserção significativa destes em vários âmbitos de sua vida social, como escolas, locais de trabalho e famílias (ONU, 2015).

Assim, se faz necessário buscar e identificar fatores de risco para o uso de substâncias psicoativas na adolescência, pois, é através da identificação destes que poderemos contribuir acerca da prevenção ao uso. Portanto, o objetivo desse trabalho é descrever a prevalência do uso de substâncias psicoativas em adolescentes escolares e analisar os fatores associados, utilizando os dados da PeNSE dos anos de 2009, 2012 e 2015.

2. Método

2.1. Desenho e Contexto

Trata-se de um estudo transversal de base populacional utilizando os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). A PeNSE é um estudo epidemiológico de base escolar realizada em todas as capitais do país nos anos de 2009, 2012 e 2015. Os dados da PeNSE estão disponíveis ao público no site do IBGE.

A coleta de dados foi realizada nos respectivos anos. Para isso foi utilizado um questionário estruturado e auto aplicado, programado de forma eletrônica em smartphones, baseado na metodologia recomendada pela Global School-based Student Health Survey – GSHS, desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde.

Inicialmente usando-se um microcomputador de mão (*Personal Digital Assistant* – PDA) e nos anos seguintes em smartphones.

2.2. Participantes e amostragem

A pesquisa contou com 62.910 estudantes na primeira edição e nas duas edições seguintes, respectivamente 109.104 e 102.301 estudantes. O critério de participação era estar cursando o 9º ano do ensino fundamental regularmente, já em 2015 foram incluídos alunos que estavam cursando do 6º ao 9º ano (antigas 5ª a 8ª séries) do ensino fundamental e 1º a 3º ano do ensino médio de escolas públicas e privadas, das zonas urbanas e rurais, das 26 capitais do Brasil e Distrito Federal.

2.3. Variáveis

2.3.1. Variáveis dependentes

Partindo da categoria de uso de substâncias psicoativas, esse estudo focou nos desfechos sobre o uso de substâncias em jovens escolares e as variáveis sociodemográficas. As perguntas sobre o uso de substâncias foram avaliadas pela ocorrência do uso ao longo da vida.

Assim, para avaliar a prevalência de uso de bebida alcoólica, tabaco e drogas ilícitas a PeNSE utilizou as seguintes perguntas respectivamente: *“alguma vez na vida, você já experimentou bebida alcóolica?”*, *“alguma vez na vida, você já fumou cigarro, mesmo que um ou duas tragadas?”* e *“alguma vez na vida, você já usou alguma droga, tais como: maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança perfume, ecstasy, etc.?”*. Todos que responderam “sim” para essas perguntas foram considerados para o estudo.

2.3.2. Variáveis independentes

As variáveis independentes foram sexo biológico (masculino e feminino), idade em anos completos (≤ 13 , 14, 15, 16, ≥ 17 anos), raça/cor autodeclarada de acordo com o IBGE (branca, preta, amarela, parda e indígena), situação de trabalho (trabalhando atualmente ou não), escolaridade materna (ensino fundamental in/completo, ensino médio in/completo e ensino superior in/completo) e região que reside (Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul). Foi considerado trabalho atual aqueles jovens que responderam positivamente para a pergunta “Você tem algum trabalho, emprego ou negócio atualmente”.

2.4. Análise de dados

Foi realizada a análise descritiva dos dados através do programa estatístico STATA (versão 13.1), apresentando frequências absolutas e relativas em tabelas. Após, foram realizadas análises bivariadas para testar a associação entre a variável dependente e as variáveis independentes utilizando o teste qui-quadrado. As prevalências serão apresentadas ao total para cada desfecho. Para todas as análises foram considerados os pesos amostrais.

2.5. Aspectos éticos

As pesquisas realizadas pela PeNSE em 2009, 2012 e 2015 foram aprovadas pelo Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) sob os números de registro 11.537, 16.805 e 1.006.467, respectivamente. A pesquisa foi norteada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069 de 13.07.1990) e não oferecia riscos à saúde do escolar, visto que mantinha em sigilo suas identidades e das escolas. Também, todos os alunos deveriam concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, colocado na primeira página do questionário. Além disso, a participação foi voluntária e a desistência de todo ou parte da pesquisa poderia ocorrer a qualquer momento (IBGE, 2015).

3. Resultados

Foram avaliados 274.315 indivíduos com informações completas para todos os tipos de uso de substâncias psicoativas analisadas. A Tabela 1 apresenta as características da amostra. Cerca de quatro a cada 10 escolares residiam na região Sudeste, eram do sexo feminino, com 14 anos de idade, que autodeclararam sua cor/raça como pardos, cujas mães tinham escolaridade igual a oito anos de estudos ou menos, respectivamente aos anos de 2009, 2012 e 2015. A experimentação de álcool foi a mais frequentemente relatada em todos os anos da PeNSE (71,0% em 2009, 66,6% em 2012 e 53,0% em 2015). Experimentação de tabaco foi relatada por cerca de 25% dos escolares em 2009 e aproximadamente 20% em 2012 e 2015. A experimentação de drogas ilícitas foi de 8,2% em 2009, 7,1% em 2012 e 9,0% em 2015.

A Tabela 2 apresenta as prevalências por ano da pesquisa de acordo com as características da região do país e sociodemográficas. Observou-se maior prevalência da experimentação de tabaco, álcool e drogas ilícitas na Região Sul do país nos três anos avaliados, exceto para drogas ilícitas no ano de 2012. Nos três anos da PeNSE, identificou-se maior frequência de experimentação de tabaco (exceto 2009) e drogas ilícitas entre os meninos e maior prevalência de experimentação de álcool entre as meninas. Para todas as substâncias e para todos os anos avaliados, houve maior frequência de experimentação destas substâncias à medida que aumentava a idade dos escolares. Isto é, quanto maior a idade, maior a prevalência de experimentação. Não foi observado um padrão específico para a experimentação de substâncias de acordo com a raça. Em 2009 e 2015, as maiores prevalências de experimentação de tabaco foram identificadas entre os escolares que se autodeclararam com a cor da pele indígena. Observou-se diferenças na prevalência de experimentação de álcool apenas no ano de 2009, com maior frequência entre os indivíduos brancos. Para o uso de drogas ilícitas, houve maior relato de experimentação (8,6%) para indivíduos autodeclarados pretos, pardos e indígenas no ano de 2012 e de 10,3% para os indivíduos pretos em 2015. Não foram identificadas diferenças em relação ao uso de substâncias ilícitas e escolaridade materna, porém um padrão diferente para experimentação de tabaco e álcool. Houve maior prevalência de experimentação de tabaco à medida que diminuía a escolaridade materna e maior experimentação de álcool entre filhos de mães com maior escolaridade nos anos de 2009 e 2012.

4. Discussão

Os resultados da PeNSE durante os anos de 2009, 2012 e 2015 evidenciaram a maior prevalência de experimentação de substâncias em jovens com 16 ou mais anos de idade, residentes na região Sul do país. Observou-se maior uso de álcool em meninas e maior prevalência de tabaco e substâncias ilícitas em meninos. Também se identificou maior frequência do uso de tabaco na vida entre filhos de mães com baixa escolaridade e maior prevalência de experimentação de álcool entre os filhos de mães com maior escolaridade. Não foi identificado um

padrão a distribuição da prevalência de uso de substâncias de acordo com a cor/raça.

Observou-se que o maior consumo de drogas lícitas entre as meninas em comparação aos meninos. Cerca de 10% das meninas relataram experimentação de tabaco em 2012 e 2015 e praticamente um terço delas relataram experimentação de álcool. Esse achado também foi encontrado em outro estudo descritivo, realizado junto a 1533 adolescentes nas regiões de Santo Eduardo e Santa Emília, no município de Embu por Moreno e colaboradores (2010), onde se constatou que em relação ao uso de cigarro, a quantidade diária consumida entre os jovens era maior entre as meninas do que entre os meninos. Ainda em relação ao uso de drogas lícitas, outro estudo transversal foi realizado por Horta e colaboradores na cidade de Pelotas e encontrou resultados similares ao presente estudo, onde a maior prevalência de meninas afirmaram consumir cigarros uma vez por semana ou mais, enquanto os meninos afirmaram fazê-lo em menor quantidade. Nosso resultado identificou que as meninas apresentaram menor frequência de experimentação de drogas lícitas e ilícitas em comparação aos meninos. Observou-se uma pequena diminuição na prevalência de tabagismo e uso de álcool nos três anos do estudo, exceto em 2009 para tabagismo que não houve diferença estatística. Um achado relevante foi de que em 2009 as meninas apresentaram uma frequência cerca de 35% menor do que os meninos para o uso de substância ilícitas, com esta diferença diminuindo para 20% e 10% em 2012 e 2015, respectivamente. Este resultado sugere a necessidade de investigação adicional destas associações bem como de estratégia de políticas e programas com foco na prevenção para o uso de substâncias ilícitas entre as escolares brasileiras. Isso reforça a necessidade de repensar sobre novas políticas públicas de prevenção e promoção, dessa vez objetivando um público mais específico, focado na atenção à saúde feminina (MORENO; VENTURA; BRETAS, 2010).

A partir dos resultados observados, é possível visualizar que o cenário está modificando-se, pois anteriormente acreditava-se que homens faziam maior uso de substâncias lícitas como tabaco e álcool, porém essa informação está cada vez mais distinta da realidade atual (HORTA et al., 2007). Diante disso, podemos considerar que grande proporção, em ambos os sexos, está fazendo experimentação de substâncias lícitas. Por outro lado, os meninos apresentaram maior frequência ao

uso de substâncias ilícitas, onde cerca de um em cada 10 relatou uso de substâncias ilícitas, maior do que as meninas.

No atual estudo identificou-se que maior frequência de experimentação de álcool, cigarro e outras drogas quanto maior a idade do indivíduo. Este resultado foi observado em outros estudos nacionais. Existem fatores sociais que corroboram para essa experimentação precoce como a vulnerabilidade da faixa etária, não ter um bom relacionamento e/ou não morar com os pais, não ter amigos e sentir-se sozinho (ANDRADE et al., 2017). Dessa forma, o escolar se torna mais vulnerável e suscetível à experimentação de substâncias. Dentre os motivos pelos quais os jovens buscam experimentar as substâncias psicoativas podemos enfatizar a curiosidade, influência de amigos e, a busca de prazer, bem como sentir-se desinibido e diminuir sentimentos de ansiedade, que podem ser alguns dos efeitos dependendo das substâncias consumidas (COSTA et al., 2007). É necessário compreender que o acesso às substâncias psicoativas não estão ausentes ao ambiente escolar, tornando o acesso mais atrativo aos escolares.

Em relação à escolaridade materna também podemos observar que, quanto menor a escolaridade da mãe, maior o uso de tabaco e álcool pelos jovens. O uso de substâncias ilícitas não apresentou diferenças entre os grupos de escolaridade materna. Esse achado pode refletir uma vulnerabilidade social visto que a baixa escolaridade pode gerar dificuldades para estabilizar-se em empregos fixos, podendo ocasionar uma baixa renda familiar. Dessa forma, é possível que os pais fiquem mais tempo fora de casa, em alguns casos, trabalhando em empregos informais, o que vem a prejudicar a supervisão desses jovens (CARDIA, 2002). Horta et al., em um estudo transversal utilizando-se os dados da PeNSE 2012 relatou que supervisão, suporte e cuidados parentais aparecerem em associação inversa ao uso de drogas ilícitas pelos filhos, a menor escolaridade materna se associou a maior chance de registros desse comportamento.

Não foi identificado um padrão claro para maior frequência de uso de substâncias lícitas e de acordo com a raça/cor. Gilman e colaboradores, nos Estados Unidos, avaliaram 43.093 indivíduos com 18 anos de idade ou mais e identificaram fatores sociais que visam explicar taxas mais baixas de dependência de álcool ao longo da vida entre grupos minoritários de raça-etnia. Encontrou-se que os membros desses grupos são mais propensos a se envolver em atividades que protegem os indivíduos da exposição inicial ao álcool, como maior frequência de

religiosidade entre os indivíduos negros e assim como para jovens com níveis mais altos de participação religiosa (GILMAN et al., 2007).

O uso abusivo de substâncias psicoativas constitui um dos grandes problemas atuais de saúde pública, considerando-se a relevância e a discrepância de aspectos envolvidos. Esse consumo percorre inúmeros países, com contextos culturais, classes sociais e idades diferentes. Gera prejuízos tanto pessoais como sociais, acarretando um alto custo econômico e contribuindo para a violência (COSTA et al., 2007). As políticas públicas relacionadas ao uso de substâncias com foco nos jovens ainda mantem um forte pensamento de risco e contravenção. Com isso, existe a negação da cidadania dos jovens, indo de encontro às ações repressivas a fim de evitar possíveis desvios do processo de socialização e marginalização (TATMATSU; SIQUEIRA; DEL PRETTE, 2019).

É esperado que aconteça a implementação de programas de prevenção em instituições de ensino público e privado e assim, possa haver uma educação para prevenção do uso de substâncias através de políticas de educação (TATMATSU; SIQUEIRA; DEL PRETTE, 2019). Com isso, os jovens se tornam o grupo prioritário nas ações de saúde pública, sendo necessário pensar em estratégias que busquem a intervenção também no ambiente escolar, com estratégias em educação que visem orientar sobre as concepções do uso de substância psicoativa e suas consequências. É importante também que a família, a equipe escolar e o serviço de saúde pública se atentem aos fatores que estão associados ao uso de substâncias e busquem estratégias para reinserir o jovem no contexto escolar e social.

O presente trabalho apresentou algumas limitações. Entre elas, devemos destacar o viés de causalidade reversa, inerente aos estudos transversais. Desta forma, os resultados deste estudo devem ser interpretados considerando que indicam grupos populacionais com maior vulnerabilidade a experimentação de substâncias, e, portanto, potenciais grupos para o qual deveriam ser priorizadas ações de prevenção e promoção em saúde. A variável de escolaridade materna apresentou falta de informação em todos os anos estudados. Não é possível identificar se este fator interfere na direção e magnitude dos achados, porém, é esperado que esta falta de informação seja ao acaso. Em relação aos resultados sobre a raça/cor faltou incluir elementos que explicassem o maior uso de substâncias de acordo com este indicador. Encontramos estudos que abordavam

essa questão referente aos Estados Unidos, porém, em relação ao Brasil não foi encontrado informações que colaborassem com os resultados encontrados.

5. Considerações finais

Estes resultados indicaram os grupos populacionais mais expostos ao uso de substâncias psicoativas e vulneráveis aos danos causados por elas, indicando potencial foco de atenção em saúde. Dessa forma, possibilita a intervenção de políticas públicas e sociais a fim de incentivar a elaboração e efetivação de estratégias de intervenção e combate ao uso de drogas juntamente com as equipes escolares e de saúde.

6. Referências

- ANDRADE, Maria Eliane *et al.* **Experimentação de substâncias psicoativas por estudantes de escolas públicas.** Revista de Saúde Pública, São Paulo, 51:82, 2017.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) – 2015.** Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- CARDIA, N.; SCHIFFER, S. **Violência e desigualdade social.** Ciência e Cultura, v. 54, n. 1, p. 25-31, 2002.
- COSTA, Maria Conceição O. *et al.* **Experimentação e uso regular de bebidas alcoólicas, cigarros e outras substâncias psicoativas/SPA na adolescência.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, p. 1143-1154, Oct. 2007.
- GILMAN, S. E. *et al.* **Education and race-ethnicity differences in the lifetime risk of alcohol dependence.** J Epidemiol Community Health, 62:224-230, 2007.
- HORTA, Rogério Lessa *et al.* **Tabaco, álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: uma perspectiva de gênero.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 775-783, Apr. 2007.
- KAPLAN, Harold; SADOCK, Benjamin; GREBB, Jack. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica.** 7. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. Acesso em: 11 nov 2019.
- MACIEL, Silvana Carneiro; MELO, Juliana Rízia Félix; DIAS, Camila Cristina Vasconcelos; SILVA, Giselli Lucy Souza; GOUVEIA, Yordan Bezerra. **Sintomas depressivos em familiares de dependentes químicos.** Ed. João Pessoa: Universitária-UFPB, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000200002 Acesso em: 12 nov 2019.

MALTA, Deborah Carvalho; MACHADO, Ísis Eloah; MENDES, Mariana Santos Felisbino; PRADO, Rogério Ruscitto; PINTO, Alessandra Maria Silva; CAMPOS, Maryane Oliveira; SOUZA, Maria de Fátima Marinho. **Uso de substâncias psicoativas em adolescentes brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares, 2015**. Revista brasileira de epidemiologia, 21 (suppl 1) 29 Nov 2018. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2018000200400#. Acesso em: 25 set 2019.

MORENO, Rafael Souza; VENTURA, Renato Nabas; BRETAS, José Roberto da Silva. **O uso de álcool e tabaco por adolescentes do município de Embu, São Paulo, Brasil**. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 969-977, Dec. 2010.

SOARES, Carlene Borges; MUNARI, Denize Bouttelet. **Considerações Acerca da Sobrecarga em Familiares de Pessoas com Transtornos Mentais**. Cienc. Cuid. Saude. 2007 Jul/Set; 6(3):357-362. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8653/d7eb9a41aa4f3700db7cda0270fb98e73999.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

TATMATSU, Daniely Ildegardes Brito; SIQUEIRA, Carlos Eduardo; PRETTE, Zilda Aparecida Pereira Del. **Políticas de prevenção ao abuso de drogas no Brasil e nos Estados Unidos**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, e00040218, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2014. **Health for the World's Adolescents: A second chance in the second decade**. Disponível em: https://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/second-decade/en/. Acesso em: 13 nov 2019.

_____. 2017. **Management of substance abuse**. Disponível em: https://www.who.int/substance_abuse/activities/education_sector/en/. Acesso em: 10 nov. 2019.

Apêndices

Tabela 1 – Análise descritiva das características sociodemográficas dos escolares brasileiros para cada ano da pesquisa (PeNSE, 2009, 2012 e 2015)

Variáveis	Descrição amostra		
	2009 N (%)	2012 N (%)	2015 N (%)
Região			
Norte	7.181 (11,2)	22.774 (8,0)	23.937 (9,6)
Nordeste	10.627 (23,9)	31.301 (25,3)	36.334 (27,7)
Sudeste	5.514 (47,0)	19.660 (44,3)	17.772 (43,4)
Sul	3.175 (6,8)	14.878 (14,6)	9.850 (11,9)
Centro-oeste	5.208 (11,1)	20.491 (7,9)	14.179 (7,5)
Sexo			
Masculino	14.325 (48,1)	52.015 (47,8)	49.290 (48,7)
Feminino	16.303 (51,9)	57.089 (52,2)	52.872 (51,3)
Idade			
≤13	8.010 (24,4)	22.443 (22,9)	17.260 (18,2)
14	14.076 (47,3)	50.900 (45,5)	51.611 (51,0)
15	5.772 (18,1)	21.105 (18,4)	20.864 (19,8)
≥16	3.558 (10,2)	14.656 (13,2)	12.337 (11,0)
Cor/raça			
Branca	11.329 (40,0)	37.674 (36,8)	33.775 (36,1)
Preta	4.025 (13,2)	14.513 (13,4)	12.849 (13,4)
Parda	12.837 (39,1)	48.237 (42,2)	46.935 (43,1)
Amarela	1.228 (3,6)	4.821 (4,1)	4.580 (4,1)
Indígena	1.370 (4,1)	3.790 (3,5)	3.825 (3,3)
Escolaridade materna (anos)			
0	1.000 (3,7)	7.371 (10,1)	5.531 (7,4)
1-8	9.182 (37,4)	33.811 (41,8)	24.241 (35,4)
9-11	8.487 (33,5)	30.353 (31,8)	24.178 (32,9)
≥ 12	6.846 (25,4)	19.042 (16,3)	22.688 (24,4)

Tabela 2 – Prevalência da experimentação de tabaco, álcool e drogas ilícitas em escolares brasileiros para cada ano da pesquisa de acordo com características da região do país e sociodemográficas (PeNSE, 2009, 2012 e 2015)

	Tabaco			Álcool			Drogas ilícitas		
	2009 %	2012 %	2015 %	2009 %	2012 %	2015 %	2009 %	2012 %	2015 %
Prevalência geral	23,1	19,6	18,4	71,0	66,6	53,0	8,2	7,1	9,0
Região	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p=0,007	p=0,237	p<0,001
Norte	24,1	17,2	20,1	60,1	58,5	48,6	6,7	5,2	6,8
Nordeste	20,1	14,9	14,2	67,2	59,6	48,3	7,4	4,9	5,2
Sudeste	22,6	18,8	18,3	74,4	68,1	53,4	8,7	7,8	10,6
Sul	31,2	28,6	24,9	77,6	76,9	63,2	10,4	8,5	12,6
Centro-oeste	25,5	24,7	22,1	71,8	69,8	56,8	8,3	9,0	10,8
Sexo	p=0,660	p=0,005	p<0,001	p=0,002	p<0,001	p=0,008	p<0,001	p<0,001	p=0,002
Masculino	22,9	20,2	19,4	69,5	64,8	51,9	10,1	7,9	9,5
Feminino	23,3	19,0	17,4	72,4	68,3	54,0	6,5	6,3	8,5
Idade	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001
≤13	15,3	13,2	10,9	65,5	61,3	43,5	4,8	4,5	4,6
14	20,3	17,5	15,8	70,9	66,9	50,7	6,7	6,2	7,3
15	32,1	25,8	25,3	76,0	69,2	60,5	12,1	9,7	13,5
≥16	38,5	29,4	30,7	75,8	71,0	65,7	16,9	10,6	15,7
Cor/raça	p=0,007	p=0,581	p<0,001	p<0,113	p<0,001	p=0,083	p=0,218	p<0,001	p=0,016
Branca	21,4	19,3	17,5	72,3	68,9	52,6	8,0	7,2	9,1
Preta	25,4	20,4	20,7	70,9	64,1	54,9	9,9	8,6	10,3
Amarela	23,7	20,0	17,7	69,8	68,7	51,8	8,0	8,6	8,5
Parda	21,9	19,4	18,3	73,6	65,1	52,8	7,9	6,1	8,6
Indígena	27,5	20,1	20,9	71,0	67,5	53,9	8,4	8,6	7,7
Escolaridade materna (anos)	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p<0,001	p=0,002	p=0,469	p=0,306	p=0,554
0	24,5	22,3	20,8	69,4	60,0	51,9	9,5	6,4	8,6
1-8	26,3	20,6	20,4	69,9	66,2	55,1	8,4	7,0	8,8
9-11	22,1	18,5	17,5	71,3	68,0	54,3	9,0	7,3	9,2
≥ 12	19,7	17,7	16,5	75,4	72,5	52,1	7,6	7,8	9,4

Foi utilizado o teste qui-quadrado.